

FOTOS: REPRODUÇÃO



A loja da Galeria de Arte na 311 Sul ficou pequena para o público que crescia a cada concerto e passou a fazer dos espetáculos na concha um programa imperdível



# Nos tempos da guerrilha cultural

Neio Lúcio e Kido Guerra lançam na Presença da 102 Sul, a partir das 19h, um livro que reconstitui a batalha e os tempos do *Concerto Cabeças*

Maurício Melo Júnior  
Especial para o CORREIO



Chegava gente, no Parque da Cidade, de tudo quanto era canto. Ônibus, carro, bicicleta, a pé, qualquer coisa servia como meio de transporte. Alguns chegavam literalmente montados no próprio pai. Eram os filhos dos que não queriam perder a festa nem o

costumeiro domingo musical em família. Só que ninguém podia imaginar o que custava aprontar o *Cabeças* pra moçada.

Hoje, às 19h, na Livraria Presença da 102 Sul, Néio Lúcio e Kido Guerra lançam o livro *Cabeças* onde contam o que foi viver esta guerrilha cultural. Uma guerrilha que custou muito suor, esperança e esforço físico, além de algumas lágrimas e revoltas no final.

Tudo, no princípio, era apenas um espaço onde Néio pudesse morar e trabalhar. O patrocínio de um amigo garantiu quatro meses do aluguel de uma loja na CLS 311. Ali surgiu a *Galeria de Artes Cabeças*. Daí para a ocupação dos gramados da quadra residencial foi um pulo. Mas a boa nova tomou conta da cidade. O espaço ficou pequeno. A opção foi o Parque da Cidade, a Concha Acústica, onde aconteceram os momentos de glória e morte.

**Brigas & Cia.** — Durante toda esta sua trajetória, o *Cabeças* se consolidou sobre muito esforço e muita briga. E a palavra

aqui não aparece com sentido figurado. Já na inauguração, dois artistas plásticos se digladiavam. Rixazinha antiga que cismou de estourar no instante em que era aberta a galeria.

Talvez eles não soubessem que ali estava o resultado de um esforço comunitário. Todos botaram a mão na massa e conseguiram montar uma estrutura bonita e aconchegante. Trazia de volta até o plano original de Lúcio Costa, que queria as lojas de frente para as quadras residenciais. Um esforço que, apropriadamente, Rogério Carvalho chamou de "Bauhaus tupiniquim".

Fiel ao ideário dos construtores da cidade, o pessoal do *Cabeças* ocupou os

gramados da quadra. A pretensão era que cada quadra fizesse o mesmo e a cidade se transformasse, ganhando vida e sangue. O sonho era Brasília pulsando em cultura, rompendo o tão falado gelo, ocupando o esvaziamento dos finais de semana.

O movimento ganhou corpo e talvez seu filho mais dileto tenha sido o Panêlão da Arte, da 312 Norte. Mas era impossível para os trabalhadores que por toda semana se matavam nas repartições, dedicarem os sábados e domingos à cata de patrocínio, carregando caixas, montando toda a estrutura da festa. E as festas de quadra foram morrendo por falta de mão-de-obra voluntária.

**Revelações** — Entretanto o *Cabeças* sobreviveu. E seu legado maior certamente foi oferecer um espaço aberto e democrático para o surgimento de novos talentos. Assim, aquele primeiro concerto, que teve como estrela Osvaldo Montenegro e como espaço o gramado em frente à loja da 311 Sul, acabou se tornando o trampolim necessário para nomes como Renato Mattos, Beirão e tantos outros.

Toda esta movimentação, certamente, trouxe incômodos à pasmaceiras e à imobilidade dos órgãos oficiais. O ciúme e o boicote foram inevitáveis. O tiro de misericórdia chegou exatamente de quem poderia oferecer o balão de oxigênio.

O livro, obviamente, não tem qualquer pretensão literária. Nem é esta a sua função. É apenas um depoimento franco de uma época que marcou profundamente a face cultural da cidade. E aí atinge todos os seus objetivos. Escrito com emoção, explode em honestidade. À cobrança da não extensão do projeto até as satélites, responde que, por não conhecê-las profundamente, não queria ali chegar de forma paternalista. Apenas tinha disposição em ajudar alguém de lá que quisesse construir o seu *Cabeças*.

Os autores até confessam que sentiram a tentação de reescrever o texto, pronto desde 1984. Mas resistiram e deixaram todas as marcas imprimidas pelo momento em que tudo acabava. De quebra, inseriram uma boa mostragem fotográfica dos muitos eventos realizados. Pena que não traga legendas. Certamente isso daria uma maior contribuição para se entender o movimento.

Está aqui, pronto, acabado e pulsante, o relato vivo do que foi esta guerrilha. Quem esteve na platéia ou no palco, certamente reencontrará a emoção e a descontração daqueles instantes. Quem não esteve, sentirá profundamente o que perdeu.

■ *Cabeças* — Néio Lúcio e Kido Guerra. Edição Cabeças — Centro Brasiliense de Arte e Cultura, Brasília, 98 páginas, Cr\$ 500,00.

## O que rola nas cabeças

### Bons samaritanos

"Enquanto os maiores, confinados nas suas monumentais redomas, brincam de administração e política, esses bons samaritanos ensinam os usuários da cidade a vivê-la"

Lúcio Costa

### Pasto dos demônios

"Afim, a cidade não foi criada para servir de pasto aos demônios, mas para permitir o contínuo exercício do pensar e repensar"

Luis Humberto

### Imenso mar

"O *Cabeças* foi para mim como um imenso mar para um peixe que se espremia em um pequeno aquário"

Haroldinho Mattos

### A banda de lá

"Pra mim, *Cabeças* foi uma revolução silenciosa, ao som da banda de lá. Viva o Brasil!"

Nicolas Behr

### Uma griffe

"Hoje, o *Cabeças* é um produto. Uma griffe legitimada por uma convivência autêntica na cidade. Uma credibilidade nascida da soma. Sem vaidades oficiais loucas para entrar na história ou faturar a próxima eleição"

Teté Catalão

### Sementeira

"Ó, cabeças, sementeira embrionada/Que parece nostalgia/És universidade viva/Ainda em nós"

Renato Mattos

### O sol dos sentidos

"Éramos felizes e não sabíamos. Crescemos e explodimos o sol dos cinco sentidos. (...) Ficou a saudade e a história. Naquele tempo ninguém tinha medo de ser ridículo"

Luis Turiba

### Mãe natureza

"No colo da grama/da mãe natureza/*Cabeças* não me/sai da cabeça"

Chacal